

# humanitas

**Vol. XXIX-XXX**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXIX-XXX



COIMBRA

MCMLXXVII-MCMLXXVIII

chegado aos ouvidos do(s) falsificador(es) antes da publicação em letra de forma... Pauli, por sinal, esteve em Itália em 1885, isto é, dois anos antes da primeira notícia de Helbig e Dümmler sobre a fíbula. Teria sido visita dos Castellani? Não sabemos: mas, se ainda existem, os sete volumes de assinaturas («molte delle quali di primissimo ordine», atesta Mingazzini) — que Alfredo, filho de Augusto Castellani, se comprazia de exhibir — podem dizer alguma coisa a este respeito...

Em suma, o *pedigree* da fíbula prenestina é assaz modesto (embora não inferior ao de muitas outras peças famosas de museu...); e, bem feitas as contas, «the theory of authenticity seems to leave more questions unanswered than the theory of forgery» (p. 55). Mas antes de tomar uma posição conclusiva (Gordon inclina-se, apesar de tudo, para a autenticidade), convirá examinar tecnicamente a jóia, «determinar, se possível, a sua idade [...] e compará-la estilisticamente com outros objectos de reconhecida origem prenestina, bem como com objectos de ouro desenhados pelos irmãos Castellani e outros ourives do século XIX» (p. 60). O responso favorável (1975) de um perito de joalheria antiga como o Dr. A. Greifenhagen, dos Staatliche Museen preussischer Kulturbesitz (Antikenabteilung), é importante, mas — dado o carácter perfunctório do exame — não decisivo.

A novela policial fica à espera de novas peças: uma página de memórias de Pauli, o espólio secreto de Helbig, um apontamento de Martinetti, uma carta inédita dos Castellani, as inconfidências malignas de algum frequentador das suas casas, um rascunho desaproveitado de Pinza, o termo de aquisição da fíbula pelo Museo Nazionale di Villa Giulia... Num graveto de carvoaria se atea a chama que ilumina. Como dizia Sherlock Holmes ao Dr. Watson: «How often have I said to you that when you eliminated the impossible, whatever remains, however improbable, must be the truth?»

WALTER DE SOUSA MEDEIROS

**MARIO BANDIERA — I frammenti del I libro degli «Annales» di Q. Ennio.**

*Riordinamento ed esegesi.* Con prefazione di PIERO SANTINI. Firenze, Felice Le Monnier, 1978. XV & 111 pp.

A despeito do carácter fragmentário da sua transmissão, ou talvez por isso mesmo, os *Annales* de Ênio já mereceram, desde a príncipe de Robert e Henri Estienne (1564), as honras de três dezenas de edições, pelo menos, entre as quais sobressaem as de Colonna (1590), Merula (1595; actualizada por Spangenberg, 1825), Vahlen (1854, 21903), Müller (1885), Baehrens (1886), Valmaggi (1900), Steuart (1925) e Warmington (1935). Os contributos da crítica filológica nos últimos decénios (com relevo para Bierma, Norden, Waszink, Skutsch, Timpanaro, Scevola Mariotti, Cazzaniga, Ronconi e Grilli) tornaram urgente uma nova edição crítica do poema. Estimulado por um curso de Piero Santini, o seu discípulo Mario Bandiera resolveu trazer uma pedra de colaboração, modesta embora, para este edifício: tomou a seu cargo a «reordenação e esegese» do livro I.

São moderadamente conservadores os critérios metodológicos em que se inspira o trabalho: preferência pela *lectio difficilior* e pelo *usus scribendi* do poeta; renúncia a qualquer tentativa de correcção dos fragmentos incompletos; eliminação de incoerências gráficas (o que pode, algumas vezes, ser desaconselhável), aceitação do testemunho dos antigos sobre as formas adoptadas por Énio (*Burrus*, não *Pyrrhus*; de onde: *Capus, Eurudica, Olumpus, turannus*), exclusão deliberada de grafias anacrónicas (mas até onde vai, infelizmente, o nosso conhecimento linguístico da época? e, nesse caso, porque escrever, no frg. 7 [15 Vahlen] *pauum* em vez de *pauom*?). Bandiera rejeita, com razão, o frg. 2 Vahlen *Musas quas memorant, nosce nos esse Camenas*, que aparece em Varrão (*L.L.* 7.25) sem nome de autor nem de obra: «a identificação das Musas e das Camenas está em contraste com os cânones estilísticos que inspiraram o poeta e, sobretudo, com o orgulhoso e polémico próemio do livro VII (vv. 213 ss. Vahlen).» (p. 96) De acordo com a argumentação de Skutsch, o maior enianista do nosso tempo, exclui também o persiano v. 16 Vahlen *Lunai portum est operae, cognoscite, ciues*; e, seguindo Waszink, o v. 9 Vahlen *quae caua corpore caeruleo cortina receptat*, que pertence a uma tragédia. Outros fragmentos deverão ser colocados alhures: por exemplo, o v. 34 Vahlen *quos homines quondam Laurentis terra recepit* ou os vv. 62-63 Vahlen *Iuno, Vesta, Minerua, Ceres, Diana, Venus, Mars, Mercurius, Iouis, Neptunus, Volcanus, Apollo*. Será o caso dos vv. 457-458 Vahlen *Iuppiter hic risit tempestatesque serenae / riserunt omnes risu Iouis omnipotentis*, que Valmaggi situa no fim do concílio dos deuses (frg. 42 da sua edição)? Bandiera argumenta que «esta risada final contrasta fortemente com a seriedade e a gravidade do assunto tratados no concílio (a sorte dos dois gémeos [Rómulo e Remo] e, porventura, o nome a dar à cidade); por isso, o fragmento deve ser colocado em outro lugar» (p. 97). Em primeiro lugar, não diríamos «risada», mas provavelmente «sorriso»; depois, não garantiríamos que fosse «final» (pode ser apenas... interlocutória); e, finalmente, não enjeitaríamos o paralelo com Virgílio, que Valmaggi rectamente estabelece: *Aen.* 1. 254-255 *olli subridens hominum sator atque deorum / uoltu, quo caelum tempestatesque serenat*. Claro que não é forçoso que se trate do concílio dos deuses do canto I (pode vir, como em Virgílio, num colóquio entre Júpiter e Vénus): mas também nada se opõe decisivamente a essa hipótese — nem sequer a gravidade dos assuntos tratados (pense-se no «riso inextinguível» dos deuses no final do concílio do canto I da *Iliada*...). De resto, não é mais segura a colocação de outros fragmentos, como 4 Bandiera (7 Vahlen) *ei mihi qualis erat* (descrição de Homero aparecido a Énio??) ou 6 Bandiera (69 Vahlen) *desunt riuos camposque remanant* (abandono dos dois gémeos nas águas em refluxo?) ou mesmo 53 Bandiera (56 Vahlen) *pectora pia tenet desiderium....* (que pode pertencer ao l. II, como diz Prisciano — salvo no exemplar de Colonna).

Bandiera cita incompletamente, por vezes, o contexto das fontes em que se enquadra o fragmento; e delonga-se, muitas vezes, em explicações literárias, estilísticas e linguísticas de conhecimento geral (por exemplo: pp. 5-6, 29 e n. 1, 31, 33, 37, 40, 43, 45, 46, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 58, 65, 66, 67, 68, 77, 81, 82, 89, 90 (*tute*: «forma piuttosto rilevante di pronome raddoppiato»?!), 91, 93, o que deve explicar-se pelo carácter escolar do livro. Observações como a seguinte — que revelam imaturidade — deverão ser eliminadas: p. 90 «Il verso [frg. 51 Bandiera (54 Vahlen) *o Tite tute Tati, tibi tanta, turanne, tulisti!*] è eccessivamente carico di allitterazioni e si trova citato molto frequentemente come se fosse veramente tipico di Ennio,

mentre è una exceção [?] e per giunta deplorable; esso illustra il compianto per la morte di T. Tazio ed è costruito secondo tutti i dettami del pathos, com una serie di parole allitteranti da un capo all'altro del verso e com cinque *t* per sovrappiù; essendo un verso del I libro, si può pensare che fu un esperimento, anche se fallito.» Porquê tanta perplexidade (pp. 87/88) perante *aeternum* do frg. 49 (52 Vahlen) *aeternum teritote diem concorditer ambo*, se a palavra é, como diz, «un accusativo com valore avverbiale» (cf. *Georg.* 2. 400, *Aen.* 6. 617) e significará, portanto, 'para sempre'? É interessante, pelo contrário, a segunda parte do comentário a *face* do frg. 16 (30 Vahlen) *face uero | quod tecum precibus pater orat*: «qui forse viene applicato il principio della mimesi linguistica: trattandosi di una discussione «in famiglia» il linguaggio è colloquiale» (citam-se, a propósito, Plauto, *Aul.* 153, *Cas.* 353, 637, *Epid.* 39, e Terêncio, *Andr.* 821).

Encerram este livro, prestimoso, uma tábua de confrontos com as edições de Vahlen, Valmagggi, Steuart e Warmington, e uma extensa bibliografia, só parcialmente aproveitada, contudo, ao longo do trabalho.

WALTER DE SOUSA MEDEIROS

ALDO SETAIOLI — **Il proemio dei «Carmina» oraziani.** Estratto dagli *Atti e memorie dell'Accademia Toscana di Scienze e Lettere La Colombaria* 38 (1973). Firenze, Leo S. Olschki Editore, 1973. 59 pp.

Em um breve ensaio intitulado *Τίς ἀριστος βίος. Interpretazione della prima ode*, que o seu autor viria a republicar como apêndice a *Orazio e l'ideologia del principato* (Torino, 1963, pp. 203-224), La Penna aventou a hipótese de que a ode *Maeceenas atavis edite regibus* remontasse a um escrito de natureza protréptica. Para corroborar esta opinião, e fundamentar algumas propostas de interpretação da ode, Setaioli procedeu a um balanço sumário da literatura proemial e protréptica — tomando em conta os passos em que figura, como na composição horaciana, uma simples contraposição (29 *ME doctarum hederæ praemia frontium | dis miscent superis*) ou uma «Priamel» onde os exemplos constitutivos são figuras de representantes de actividades, profissões, vocações diversas.

O inventário dos textos literários abrange exemplos famosos, como, entre os autores gregos, Arquíloco 19 West, Tirteu 12 West, Safo 16 Lobel-Page, Anacreonte 16 Page, Píndaro *O.* 1.1 ss., 2.1 ss., *N.* 7.5 ss., *I.* 5.1 ss., 7.1 ss., Ésquilo *Coeph.* 585 ss., Sófocles *Ant.* 332-333; e, entre os latinos, Lucrécio 2.1-60, Horácio *Carm.* 3.1, Tibulo 1.1, Propércio 2.1.43-46, 3.22, Pérsio *Chol.* (que Setaioli considera justamente um proémio e não um epílogo), Marcial *Spect.* 1 — quanto basta para assegurar a vitalidade e a extensão do tema. Uma rápida análise de certos textos técnicos helénicos — *Eutidemo* de Platão (278-282), *Protrépticos* de Aristóteles (frgs. 3, 6, 7, 10a Walzer), Galeno (caps. II e IX), Clemente Alexandrino (1.2.4, 10.100.4) e Temístio